

Murilo Mendes acervo de poeta

Júlio Castañon Guimarães

O DESTINO DE LIVROS, PAPÉIS E OUTRAS PEÇAS DO UNIVERSO DE UM ESCRITOR nem sempre é dos melhores após sua morte. E em muitos casos também o destino da própria obra passa por reveses. A obra de quantos escritores não cai no esquecimento sem que muitas vezes se perceba com facilidade os motivos? Em vários casos, há a dificuldade de herdeiros para lidar com questões que não lhe são afins. Em outros casos ainda, por falta de condições das pessoas envolvidas para ter verdadeira noção do que têm em mãos, muito material inestimável fica relegado a caixas esquecidas, quando não se dispersa como lembranças entre membros da família ou como material à venda em sebos e antiquários.

Cada vez mais, porém, toma força a noção da importância que os papéis de um escritor podem ter. E várias instituições públicas vêm se empenhando para preservar esses materiais e pô-los em condições de utilização pelos pesquisadores e estudiosos. Ainda mais que ao mesmo tempo se desenvolvem várias novas áreas de estudos literários que se baseiam justamente na exploração desses materiais, rascunhos, anotações, correspondência. Os estudos podem ir desde a análise da elaboração de textos até o exame da formação intelectual do autor. Alguns estudiosos de Paul Valéry, por exemplo, ao terem acesso à biblioteca que lhe pertenceu, puderam verificar que ali se percebia uma imagem do escritor diferente da que se fazia antes. Ao contrário de um escritor que extraía seus textos de suas reflexões no isolamento, sua biblioteca revelava um leitor voraz, e seus livros mostravam uma série de vínculos para os textos que produziu, vínculos estes que antes eram tentados por suposição.

Entre nós, se poderia perguntar qual a imagem que se faria de Murilo Mendes a partir das várias anedotas que corriam a seu respeito ainda na época de afirmação do Modernismo como a de que abriu o guarda-chuva na platéia do teatro municipal do Rio de Janeiro para expor sua insatisfação com o espetáculo, e assim por diante. É claro

que uma leitura minimamente atenta do conjunto da obra de Murilo Mendes, inclusive dos textos de crítica de música e de artes plásticas, revela sua formação intelectual. O fato é que boa parte do acervo do poeta está encontrando um destino animador, graças ao empenho de sua viúva, a poetisa e tradutora portuguesa Saudade Cortesão Mendes, o que vem contribuindo para a possibilidade de desenvolvimento de pesquisas sobre o poeta e questões correlatas. Isto porque parte de sua biblioteca se encontra na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais, onde se criou um Centro de Estudos Murilo Mendes, que também acolheu a coleção de artes plásticas que pertenceu ao poeta.

Em uma casa de arquitetura eclética do começo do século, na principal avenida de Juiz de Fora, a biblioteca de Murilo Mendes agrupa livros de poesia, ficção, estudos literários, filosofia, religião, artes plásticas, música. Não é uma biblioteca vasta; ao contrário, é bem reduzida, pois não é toda a biblioteca que pertenceu ao poeta. No entanto, nela estão representados todos os campos de interesse de seu proprietário. E dentro desses campos há livros que chamam a atenção de modo especial. Há várias primeiras edições, tanto de autores brasileiros quanto de autores estrangeiros. Há um belo conjunto de livros sobre Mozart. Há excelentes livros sobre artes plásticas. E há um grande número de livros com dedicatórias. Entre os brasileiros, estão livros com dedicatórias de Jorge de Lima, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, Manuel Bandeira; entre os estrangeiros, estão livros com dedicatórias de René Char, Henri Michaux, Michel de Ghelderode, Tristan Tzara, Pierre-Jean Jouve. Vários desses livros ainda têm as características de serem livros de pequena circulação, de serem edições especiais, acompanhadas de gravuras assinadas, e assim por diante.

Mas acima de tudo, talvez a maior parte dos livros da biblioteca apresente marcas deixadas pelo leitor Murilo Mendes, o que é de grande importância. Com frequência, na maioria dos livros há trechos sublinhados ou trechos assinalados na margem. O que mais chama a atenção, porém, são as anotações, feitas quase sempre nas últimas páginas em branco dos volumes. Aí Murilo Mendes anotava números de páginas e uma breve indicação do que lhe chamara a atenção naquelas páginas, compondo assim um

índice remissivo para seu uso. Há também outros tipos de anotações, como a indicação de datas da leitura dos livros ou listas de palavras de livros em francês, como que na formação de um vocabulário. Chama especial atenção o cuidado com que Murilo Mendes leu estudos literários e afins !! livros de autores como Auerbach, Barthes, Jakobson. Há casos curiosos, como uma edição de 1922 de um livro intitulado *Pélerinages franciscains*, que apresenta anotações de duas pessoas, as de Murilo Mendes e as de seu grande amigo, o pintor Ismael Nery. Chama também atenção o conjunto de várias edições de Camões, todas marcadas e anotadas por Murilo Mendes, com comentários diversos, como sobre a metrificação dos poemas.

A coleção de artes plásticas pertencente a Murilo Mendes e que se encontra no Centro de Estudos forma um conjunto de aproximadamente duas centenas de trabalhos. Trata-se de trabalhos de várias técnicas (aquarelas, óleos, desenhos, colagens, gravuras) de artistas de várias nacionalidades, na quase totalidade do século XX, mas de orientações distintas e de diferentes gerações. Não se trata de uma coleção sistemática, nem de uma coleção formada apenas com trabalhos mais dignos de nota. Trata-se, todavia, de uma coleção que apresenta um diversificado e interessante conjunto de importantes artistas; trata-se, sobretudo, de uma coleção intimamente ligada à vida de Murilo Mendes e sua esposa (com suas muitas viagens e sua vida na Europa) e mais especificamente de uma coleção que apresenta vínculos estreitos com sua vida intelectual.

A coleção tem tanto gravuras de Picasso, Miró, Chagall, Braque, Léger e Ensor quanto óleos de Guignard, Portinari, Ismael Nery, Vieira da Silva, De Chirico, Magnelli. As águas-fortes de Ensor, datadas uma de 1895 e outra de 1888, são duas preciosidades. Uma colagem de Max Ernst, de 1920, esteve emprestada à última Bienal de São Paulo. Há belos conjuntos de trabalhos de Magnelli e Vieira da Silva (talvez os artistas mais representados na coleção) de várias épocas e de várias técnicas. Vale lembrar que Murilo Mendes escreveu vários textos sobre Magnelli, inclusive um longo estudo incluído num álbum do artista, estudo este sempre citado nas bibliografias sobre o artista. Há originais de ilustrações para livros de Murilo Mendes, como um desenho a

nanquim de Portinari para o livro *As metamorfoses*; ou como um desenho de Vieira da Silva para capa de *Os discípulos de Emaús*, desenho que não chegou a ser usado como tal; ou como um desenho de Ismael Nery para capa do primeiro livro de Murilo Mendes, desenho que também não chegou a ser usado. Há vários retratos de Murilo Mendes: de Guignard, de Flávio de Carvalho, de Arpad Szenes. Há um grande conjunto de artistas italianos contemporâneos: além de Magnelli, há Corpora, Severini, Capogrossi, Calderara, Dorazio.

A coleção oferece ainda um aspecto similar ao dos livros: as anotações. Vários dos trabalhos têm dedicatórias dos artistas como uma litografia de Miró, um guache de Vieira da Silva, um óleo de Magnelli, uma colagem de Hans Richter, uma litografia de Léger. No verso de um trabalho de De Chirico, se lê: A Saudade e Murilo Mendes. Salut! . Em um de Arpad Szenes também se lê no verso: Pour mon saudadíssimo (sic) Murilo. Arpad . Outros trabalhos têm anotações de Murilo Mendes, indicando a época da aquisição ou o fato de o trabalho ter sido dado pelo artista, ou ainda outros dados, como esta identificação em um desenho de Arpad Szenes: M. M. ouvindo música. No verso de uma gravura de Braque, encontra-se a seguinte anotação: oferta de René Char, Paris, 1955.

Vários trabalhos estão assim diretamente associados a circunstâncias da vida de Murilo Mendes e Saudade. Da amizade com o casal Vieira da Silva e Arpad Szenes, desde quando estes se instalaram no Brasil durante a Segunda Guerra, resultaram os numerosos trabalhos desses artistas presentes na coleção. Murilo Mendes, por sua vez, também dedicou vários textos aos dois artistas, tanto textos críticos para catálogos de exposição quanto poemas incluídos em seus livros. De modo especial, os artistas italianos da coleção foram objeto dos numerosos textos de apresentação para catálogo que Murilo escreveu ao longo de sua permanência na Itália, textos esses que estão ainda à espera de edição em livro. Lembre-se de que a atividade de Murilo Mendes como crítico de artes plásticas mereceu comentários, aqui, de um crítico como Mário Pedrosa e, na Itália, nada mais nada menos que de um Giulio Carlo Argan.

O acervo que se encontra no Centro de Estudos Murilo Mendes já tem oferecido subsídios para vários pesquisadores. À medida que se tornar mais conhecido, certamente atrairá estudiosos não apenas da obra de Murilo Mendes, mas interessados em artes plásticas, em modernismo brasileiro e assim por diante. Mas sobretudo se trata, em suma, de um local que merece ser visitado por quem quer que queira conhecer uma apreciável coleção de artes plásticas.